

IDENTIDADES E SÓCIOESPACIALIDADES DE COMUNIDADES TRADICIONAIS DO SERTÃO DE ALAGOAS¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo estudar as identidades regionais presentes no sertão de Alagoas, descrevendo e analisando culturas patrimoniais e os seus modos de vida cotidianos, seus saberes, valores e práticas realizados em diferentes dimensões e escalas regionais, interpretando assim as estratégias de permanências e reprodução das comunidades tradicionais sertanejas em termos de vida e trabalho associados ao manejo tradicional do ambiente. A metodologia baseia-se na pesquisa qualitativa, tendo como ponto de referência situações do cotidiano, observações dos espaços e lugares, as falas e os gestos, o ir e vir dos sujeitos, buscando uma proposta de entendimento das identidades regionais. Propomos principalmente o fortalecimento de pesquisas e debates sobre as comunidades tradicionais, incluindo o saber popular, a cultura, o patrimônio cultural, as identidades regionais, a socioespacialidade, a territorialidade e o meio ambiente a partir de uma leitura geantropológica do Sertão de Alagoas.

Palavras-chave: identidades regionais, territorialidades, Sertão de Alagoas.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo el estudio de las identidades regionales que están presentes en lo “Sertão” de Alagoas, describir y analizar las culturas tradicionales y sus estilos de vida de todos los días, sus conocimientos, valores y prácticas llevadas a cabo en diferentes dimensiones y escalas regionales, interpretando así las estrategias de continuidad y reproducción de las comunidades tradicionales de la región en términos de vida y de trabajo relacionados con la gestión tradicional del medio ambiente. La metodología se basa en la investigación cualitativa, tomando como punto de referencia las situaciones cotidianas, observaciones de espacios y lugares, palabras y gestos, el ir y venir de los sujetos, la búsqueda de una propuesta de comprensión de las identidades regionales. Proponemos principalmente el fortalecimiento de la investigación y el debate sobre las comunidades tradicionales, incluyendo el conocimiento popular, la cultura, el patrimonio cultural, las identidades regionales, socioespacialidad, la territorialidad y el medio ambiente basado en una lectura geantropológica en lo “Sertão” de Alagoas.

Palabras clave: identidades regionales, territorialidades, “Sertão” de Alagoas

ABSTRACT

The purpose of this article is to study the regional identities present in the “Sertão” of Alagoas, describing and analyzing equity cultures and their everyday lifestyles, their knowledge, values and practices carried out in different dimensions and regional scales, interpreting thus, the permanence strategies and reproduction of region's traditional communities in terms of life and work associated with the traditional management of the environment. The methodology is based on qualitative research, taking as a reference point situations of everyday life, observations of spaces and places, the speeches and gestures, the coming and going of the subjects, seeking then, a proposal for understanding of regional identities. We propose mainly the strengthening of research and debate on the traditional communities, including the popular knowledge, culture, cultural heritage, regional identities, the socioespacialidade, territoriality and the environment from a reading geantropológica the “Sertão” of Alagoas.

Keywords: regional identity, territoriality, “Sertão” of Alagoas.

Dr^a Angela Fagna Gomes
de Souza
UFAL/Campus do Sertão
angelafagna@hotmail.com

Dr. Rodrigo Herles dos
Santos
PPGEO/UFS
rherlles@hotmail.com

¹ Pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto PIBIC 2014/2015 – UFAL/Campus do Sertão, intitulado: “Identidades e socioespacialidades no sertão de Alagoas: estudos regionais sobre cultura, territorialidades e ambiente”.

INTRODUÇÃO

Buscamos em nossa pesquisa estabelecer um diálogo sistêmico com algumas comunidades sertanejas dos municípios do sertão alagoano identificando, selecionando e analisando traços tradicionais da cultura tais como: comida, dança, artesanato, literatura, manifestações religiosas, etc. Para os limites deste artigo estabelecemos como “lócus” de investigação quatro municípios do alto Sertão Alagoano: Delmiro Gouveia, Olho D’Água do Casado, Pariconha e Água Branca.

Neste sentido, nossa pesquisa foi realizada atendendo as seguintes etapas de investigação, a saber: i) Realização de levantamento bibliográfico local, regional e nacional sobre a temática pesquisada, a fim de obter conhecimento do que já foi estudado sobre o sertão alagoano. Esse levantamento permitiu o aprofundamento do marco teórico e a interação entre o que foi pesquisado em campo com o que já existe publicado em termos de levantamento de dados. De posse de tais bibliografias realizamos reuniões e ciclos de debates para que toda a equipe envolvida participasse ativamente do desenvolvimento teórico e prático da pesquisa, na construção de um saber coletivo. ii) Elaboração de banco de dados com o levantamento de todas as comunidades tradicionais existentes em cada município pesquisado. Nesta etapa foram fundamentais as informações fornecidas por instituições e órgãos tais como: prefeituras, secretarias de saúde, IBGE, ONGs, associações, etc. Após o levantamento das informações efetuamos reuniões para definição dos critérios de seleção das comunidades a serem visitadas tais como: antiguidade, quantidade de moradores, infraestrutura, manifestações culturais, artesanato, etc. A partir disso, selecionamos as comunidades pesquisadas e elaboramos o roteiro de observação. iii) Após a seleção das comunidades procedemos à pesquisa de campo propriamente dita. Nessa fase foi redigido por cada participante do projeto um breve relatório contendo informações sobre as comunidades visitadas, assim como o roteiro de trabalho de campo, apresentando-o em reunião geral para discussão entre todos os participantes da pesquisa. A partir do levantamento sistemático e em lócus elaboramos a sistematização e análise dos dados obtidos em campo inter-relacionando com o referencial teórico estudado com a análise das informações obtidas, das descobertas e do conhecimento produzido.

Em todas as fases da pesquisa procuramos manter uma relação de respeito, de ética e de total transparência com todos os sujeitos envolvidos na pesquisa. Todos foram informados sobre a natureza do trabalho e a participação aconteceu de forma espontânea. Suas identidades foram respeitadas e adotamos todos os cuidados para que não haja nenhum prejuízo físico, moral e financeiro a qualquer sujeito envolvido na pesquisa.

Assim, procuramos construir um olhar geotnográfico sobre os sujeitos pesquisados, conforme coloca Souza (2013, p. 64) “trata-se de um esforço decorrente da necessidade de abarcar novas visões, o qual lança um olhar curioso, penetrante e aberto a significados diferentes, a fim de articular saberes e pessoas, informações e lugares”.

AS SÓCIOESPACIALIDADES DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS SERTANEJAS

O Sertão de Alagoas é, ao mesmo tempo, fonte de riqueza e o cenário da adversidade entre migrantes de categorias sociais e espaciais diferentes. É uma geografia singular entre o vivido, o vivo, o imaginário e o simbólico entre espaço natural e lugar sociocultural do sertão. Ele abrange paisagens diferenciadas por riquezas naturais. Nele está inserido o rio São Francisco que auxilia as articulações regionais e intra-regionais que propaga a arte, os costumes, os cânticos populares, o conhecimento do trato com a natureza, da troca de saberes e a difusão de culturas em função das migrações fluvial pelo velho Chico.

Especificamente o sertão de alagoas está localizado geograficamente a oeste do estado, contando com 18 municípios, sendo 08 no território do Alto Sertão Alagoano e 10 no território do Médio Sertão Alagoano, conforme figura 01 a seguir.

Figura 01: Mapa de localização das regiões alagoanas



Fonte: <http://maisalagoas.uol.com.br/mais.asp?id=municipios>. Acesso em Mar. 2015.

Em função da grande quantidade de municípios que compõem o Sertão alagoano optamos por pesquisar apenas o Alto Sertão que abrange uma área de 3.935,20 Km² e é composto pelos seguintes municípios: Inhapi, Canapi, Mata Grande, Água Branca, Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado, Pariconha e Piranhas, todos inseridos na bacia hidrográfica do rio São Francisco, segundo classificação da Agência Nacional de Águas.

Segundo o IBGE, a população total do território é de 158.941 habitantes, sendo que 61,95% da população está localizada na área rural dos municípios, o que reflete a nossa opção por pesquisar as comunidades tradicionais que povoam este território.

Dentre os oito municípios do Alto Sertão, selecionamos para este estudo quatro deles sendo: Agua Branca e Pariconha pertencentes a microrregião serrana do Sertão de Alagoano; Olho D'Água do Casado e Delmiro Gouveia pertencente a microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco.

A seguir apresentamos o quadro 01 com informações referentes à área, o total da população e o número de habitantes por quilômetros quadrados de cada um dos quatro municípios pesquisados, segundo dados do IBGE (2010).

Quadro 01: Dados do IBGE dos municípios pesquisados

| MUNICÍPIOS | Área | Pop. | hab/Km ² | Total de comunidades rurais |
|-----------------------|---------|--------|---------------------|-----------------------------|
| Agua Branca | 478,317 | 19.377 | 42.62 | 173 |
| Delmiro Gouveia | 608,491 | 48.096 | 79.13 | 22 |
| Olho D'Água do Casado | 322,264 | 8.491 | 26.29 | 13 |
| Pariconha | 258,525 | 10.264 | 39.70 | 22 |

Org.: SOUZA, Angela Fagna Gomes de.

Fonte: IBGE, 2010.

Identificamos que o município de Delmiro Gouveia é o maior tanto em tamanho quanto em população. O município de Olho D'Água do Casado é o menor em população e em habitante por quilômetro quadrado e o município de Pariconha é o que apresenta menor área.

O município de Olho D'Água do Casado foi o que apresentou o menor número de comunidades, em função disto selecionamos apenas duas. Já o município de Pariconha é o que apresenta o maior percentual de indígenas do território do Alto Sertão, contando com uma população 4,86% distribuídos em três aldeias, segundo dados do IBGE (2010). Água Branca conta com aproximadamente 173 comunidades e/ou povoados, sendo o maior percentual de todo o alto Sertão Alagoano. Em Delmiro Gouveia destacamos a presença de assentamentos rurais em toda a extensão do município, neste sentido, optamos por inserir em nossa pesquisa um assentamento rural.

Dentre os quatro municípios do Alto Sertão Alagoano selecionados para o desenvolvimento da pesquisa elencamos as comunidades para efetuarmos as visitas de campo, de acordo com as características mencionadas anteriormente, conforme quadro 02 a seguir.

Quadro 02: Características das comunidades tradicionais pesquisadas

| MUNICÍPIOS | COMUNIDADES PESQUISADAS | CARACTERÍSTICA |
|-----------------------|-------------------------|----------------|
| Água Branca | Lagoa das Pedras | Quilombola |
| | Tabuleiro | Tradicional |
| | Alto dos Coelhos | Tradicional |
| Delmiro Gouveia | Cruz | Quilombola |
| | Salgado | Tradicional |
| | Lameirão | Assentamento |
| Olho D'Água do Casado | Poços Salgado | Tradicional |
| | Morro Vermelho | Tradicional |
| Pariconha | Burnil | Tradicional |
| | Campinhos | Distrito |
| | Aldeia Karuazú | Indígena |
| | Aldeia Jeripankó | Indígena |

Org.: SOUZA, Angela Fagna Gomes de.
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

É importante destacar que a seleção das comunidades pesquisadas levou em consideração alguns critérios tais como a quantidade total de comunidades por município, as características e peculiaridades de cada uma como: saberes, fazeres, celebrações e formas de expressão.

As fotografias 01, 02 e 03 a seguir mostram as comunidades visitadas no município de Água Branca.

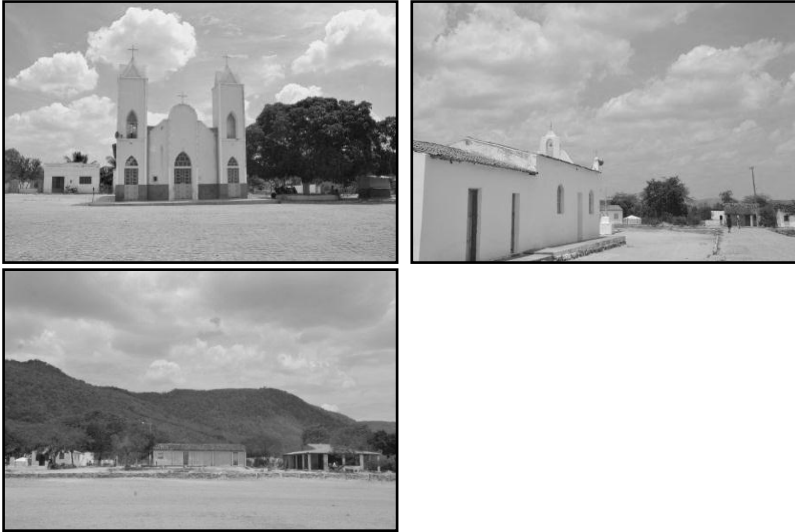


Foto 01, 02 e 03: Povoado Alto dos Coelhos, Lagoa das Pedras e Tabuleiro.
 Autora: SOUZA, Angela Fagna Gomes, Jan. 2015.

Especialmente no Povoado Alto dos Coelhos (foto 01) identificamos que a família dos “Coelhos” foi a responsável pela origem e construção da comunidade e que, ainda hoje, mantém grande parte do núcleo familiar morando na localidade. São heranças que passam de geração em geração e que sustenta o enraizamento e o sentimento de pertencimento ao lugar de origem. Os homens trabalham na agricultura familiar e com o pasto. As mulheres são as responsáveis por levar os produtos para serem comercializados na feira da cidade de Delmiro Gouveia. Os jovens saem para trabalhar nas empresas de construção civil, mas sempre retornam no período de férias para visitar os familiares e amigos. Assim, a população é composta predominantemente por idosos e adultos que trabalham com atividades ligadas ao plantio. A festa do padroeiro, São José, acontece no mês de março, sendo o principal momento de confraternização dos moradores.

Lagoa das Pedras (foto 02) os traços da fisionomia dos moradores demonstra uma herança negra muito forte. Tal comunidade vem passando recentemente por um processo de reconhecimento e “resgate” da cultura quilombola. O povoado possui casas simples, calçamento na rua principal, uma escola de ensino fundamental e uma igreja católica localizada no centro da praça. A população tenta se articular por meio de uma associação de moradores, ainda em formação, com outras comunidades da região, visando à troca de saberes e a sua autoafirmação.

No Povoado Tabuleiro (foto 03), localizado as margens da BR 423 encontramos relatos de que a comunidade foi formada a partir da circulação de pessoas que migravam do estado da Bahia para Pernambuco. Neste ir e vir muitos fizeram de Tabuleiro apenas um ponto de parada para o descanso, outros viram na localidade uma oportunidade de fixação e de reprodução da vida. A origem do nome, segundo nos informam moradores entrevistados, refere-se a prática de vender doce em um tabuleiro, exercida pelos primeiros moradores da localidade, passando a ser chamado de “tabuleiro da cocada”, atualmente Tabuleiro.

As fotografias 04, 05 e 06 a seguir ilustram o cenário registrado nas comunidades visitadas em Delmiro Gouveia.



Fotos 04, 05, 06: Vista do Assentamento Lameirão, Povoado Cruz e Povoado Salgado respectivamente.
 Autora: SOUZA, Angela Fagna Gomes, Jan. 2015.

O assentamento Lameirão (foto 04) foi fundado em agosto de 1989 com 50 famílias que receberam 100 tarefas de terras para cada uma. No ano de 1992 foi construída uma agrovila e no ano de 2004 o assentamento passou a ser vinculado ao INCRA. Atualmente o assentamento é composto por cerca de 180 pessoas, sendo 45 associadas e 38 famílias registradas. Os assentados sobrevivem basicamente da criação de caprinos e das pequenas plantações, sendo que alguns moradores do sexo masculino participam de um projeto de piscicultura no rio São Francisco, desenvolvido pela associação de moradores.

O povoado Cruz, (foto 05) é constituído basicamente por negros e reconhecido oficialmente, desde o ano de 2005, como uma comunidade quilombola. Percebemos que os moradores não manifestam estratégias de permanência e de reconhecimento legítimo de seus territórios e de sua cultura. O artesanato e as danças que eram as representações culturais da comunidade, atualmente estão enfraquecidos, porém a pesca, a criação de caprinos e a agricultura ainda são bastante presentes. Apesar do povoado não apresentar uma expressiva dimensão territorial e populacional, ela está entre as dez maiores do município. A população de maioria católica demonstra sua religiosidade na festa do padroeiro São João, que acontece entre os dias 19 a 24 de junho.

No povoado Salgado identificamos uma situação bastante peculiar, uma “comunidade de mulheres”. Tal fato ocorre em função da necessidade dos homens se deslocarem para outras regiões do país em busca de oportunidades de trabalho assalariado. Em função disto as moradoras buscaram estratégias de permanência na comunidade e criaram uma associação de tecelãs, visando a fabricação de redes, tapetes, cortinas, colchas, etc, que ajuda na renda familiar além dar visibilidade a comunidade por meio dos seus fazeres. A comunidade conta ainda com um centro de artes integradas e convivência (foto 06) para o desenvolvimento de projetos com as crianças e jovens da comunidade e ainda, um centro de beneficiamento de frutas para a melhoria de renda das famílias.

Nas fotos 07 e 08 estão identificadas as comunidades visitadas no município de Olho D’Água do Casado.



Foto 07 e 08: Povoado Morro Vermelho e Canal do Sertão em Poços Salgado.

Autora: SOUZA, Angela Fagna Gomes, Jan. 2015.

Em Morro Vermelho (foto 07), uma comunidade pequena, constituída por um único núcleo familiar, entrevistamos a senhora Inês, que chegou com seu esposo no local a cerca de cinquenta anos. Ela nos relatou que o nome Morro Vermelho foi dado em função de existir uma pedra avermelhada no povoado, assim ficou conhecida a comunidade. Atualmente a comunidade realiza a festa da padroeira Santa Inês que acontece no mês de janeiro, com nove noites de novenas e o encerramento com a tradicional missa solene. A missa do vaqueiro também é outra tradição, sempre realizada dias antes da novena e que já está em sua sétima edição. Observamos poucas casas habitadas na comunidade isso se deve, segundo informações dos moradores, as dificuldades climáticas da região para plantio e criação de animais. As poucas chuvas obrigam as famílias a migrarem para outras localidades em busca de sobrevivência.

Poços Salgado (foto 08) é visivelmente uma comunidade duplamente dividida. Esta divisão se dá primeiramente por ela estar inserida no limite entre os municípios de Olho d'Água do Casado e água Branca. Segundo os moradores o povoado é administrado pela prefeitura de Olho d'Água do Casado, a maioria das pessoas se consideram de Olho d'Água, porém alguns moradores relatam que parte do povoado pertence ao município de Água Branca. Além disso, recentemente foi construído a obra do canal do sertão que, no sentido objetivo da palavra, cortou a comunidade ao meio, ocasionando uma divisão geográfica do território. Assim, os moradores vivem uma situação de incertezas e de reestruturação territorial e identitária. Por ser uma comunidade antiga, com mais ou menos 70 anos, os moradores ainda mantêm suas referências de origem, contando a história de formação do povoado, suas festas e seu sentimento de pertencimento ao lugar.

As fotos 09, 10, 11 e 12 apontam as comunidades do município de Pariconha



Foto 09, 10, 11 e 12: Aldeia Jeripankó, Aldeia Karuazu, Povoado Campinhos e Povoado Burnil.
Autora: SOUZA, Angela Fagna Gomes, Jan. 2015.

A aldeia Jeripankó (foto 09), anteriormente conhecida como povoado Ouricuri, conta com aproximadamente 93 famílias e cerca de 406 moradores. É marcante a presença da identidade indígena. Todos se afirmam índios e buscam no resgate e na permanência de sua cultura a reafirmação de seu território. A aldeia obedece a estrutura organizacional centrada na figura do pajé e do cacique como os líderes centrais da comunidade. É marcante ainda a presença institucional da Funai em órgãos como o posto de saúde e a escola municipal. Conversando com o pajé ele ressaltou a importância de preservar as tradições, passando os ensinamentos da tribo para as crianças e jovens além procurar manter a harmonia entre todos.

A aldeia Karuazu (foto 10) possui um núcleo muito pequeno e está localizada bem próxima ao povoado Campinhos. O pajé nos contou que eles são descendentes da etnia Pankararu do estado de Pernambuco. São cerca de 250 famílias cadastradas que já possuem mais de quinze anos de reconhecimento étnico, porém ainda lutam pelo processo de reconhecimento do território junto a Funai. A dança do Toré e a corrida do Umbu são os principais rituais da aldeia, realizado sempre durante a semana santa como forma de comemorar e reunir todos os indígenas da localidade.

O povoado Campinhos (foto 11) é o distrito da cidade de Pariconha, sendo considerado um dos povoados mais populosos do município. As ruas e casas são bastante estruturadas, contando ainda com escolas, posto de saúde, igrejas e comércio local. A igreja católica de Nossa Senhora das Dores é marcante na paisagem da praça central, além das árvores nativas centenárias que serve de sombra e ponto de encontro dos moradores da localidade. Segundo relatos dos moradores a festa da padroeira, que acontece no mês de setembro, atrai uma grande quantidade de visitantes e vem se tornando a cada ano mais grandiosa.

O povoado Burnil (foto 12), de pequeno porte, está localizado nas imediações da estrada de acesso à cidade de Pariconha. A principal manifestação cultural é a festa do padroeiro Santo Expedito e a festa do vaqueiro que acontece nos meses de abril. Os lotes da comunidade são geralmente pequenos e as famílias utilizam os terrenos das fazendas vizinhas para o plantio de milho, feijão, mandioca e abóbora. O que é produzido acaba sendo dividido com os proprietários das terras.

Apresentamos, portanto o cenário da pesquisa que justifica-se essencialmente pela necessidade de compreender uma paisagem ainda tão pouco estudada, a Caatinga, sua diversidade e o seu habitante tradicional, sujeito muito retratado como uma caricatura, mas pouco compreendido em termos da espacialidade que produz. Encontramos nestes territórios moradores que buscaram adequar-se a outro modo de vida, com características peculiares, de um viver entre a escassez hídrica e a fartura, entre a alegria e a generosidade.

A IDENTIDADE NO SERTÃO DE ALAGOAS

Analisamos as formas de manifestações da cultura tradicional vivenciadas pelos moradores das comunidades tradicionais do Alto Sertão Alagoano, como eles interagem com o ambiente, se organizam socialmente e produzem uma vida material e imaterial nestes territórios. É neste Sertão envolto por lugares e tempos diferenciados que desenvolvemos nossa pesquisa.

Sertão no qual os sujeitos sertanejos são formadores e transformadores dos ambientes vividos. Sertão onde os conflitos muitas vezes são latentes. Sertão em que a violência convive com a aridez da terra, com a falta de chuva e com a busca pela sobrevivência. Sertão de grandes latifundiários, que continuam representados pelas oligarquias, a concentração de terras e a exploração do trabalho humano. Sertão que enfraquece as grandes massas de trabalhadores rurais sem terra, sem moradia, sem rumo. Sertão no qual as relações sociais

baseadas na produção capitalista atravessam e alteram o viver sertanejo, provocando mobilidade espacial na busca por um lugar de trabalho.

Existe no sertão alagoano um período/tempo fluido e inconstante para a apropriação e utilização dos recursos, todos os que vivem nele/dele, sabem da necessidade de adaptarem-se, compartilham a mesma experiência de enraizamento e deslocamentos durante as estações do ano.

E é através da partilha dos mesmos espaços, reconhecidos como elementos de enraizamento local, que se forjam as representações colectivas do território e a que se associa um sentimento de pertença. Esses traços de reconhecimento colectivo geram, no confronto com outros espaços, a imagem de marca de um lugar, cidade ou região. (VAZ, 2001, p. 220).

Esta partilha de saberes, formas de expressão, representações, manifestações de solidariedade, pertencimento e enraizamento foi essencialmente o objeto de nossa pesquisa. Pesquisa esta que difere da imensa maioria dos trabalhos acadêmicos relacionados à regionalização da cultura popular e do patrimônio cultural popular, pelo fato de que não desenvolvemos tão somente uma pesquisa de origem e destinação acadêmica. Ao lado de nossa intenção de produção de conhecimentos e de nossa proposta de formação de futuros pesquisadores devotados à questão das culturas populares (tradicional, patrimoniais), buscamos em nosso trabalho de campo estabelecer um diálogo sistêmico com algumas dessas comunidades sertanejas envolvidas.

A pesquisa levou sempre em consideração a relação pesquisador/pesquisado e da experiência de campo para percepção do principal objetivo, que é o entendimento da formação das identidades locais, dos modos de vida e das relações sociais e espaciais entre os viventes das comunidades tradicionais do alto sertão de Alagoas.

A percepção do objeto de pesquisa teve a perspectiva da pesquisa participante (BRANDÃO, 1999 e 2007), tendo como ponto de referência situações do cotidiano, observações de espaços e lugares da pesquisa, o ir e vir dos sujeitos, suas falas e uma proposta de entendimento da ocupação regional destas identidades.

Com a aprovação e desenvolvimento da pesquisa de PIBIC/CNPq/Fapeal/UFAL (2014/2015) ficou ainda mais evidente e oportuno realizar um levanto minucioso da cultura dos povos viventes no Sertão de Alagoas, refletindo como esta população realmente retrata e compõe uma região cultural em que as pessoas, grupos sociais e comunidades vivem, se relacionam com o ambiente e reproduzem sua cultura, ou seja, vivem a região como “arte-fato”, como descreve Haesbaert (2010, p. 7).

A região vista como arte-fato é concebida no sentido de romper com a dualidade que muitos advogam entre posturas mais estritamente realistas e idealistas, construído ao mesmo tempo de natureza ideal-simbólica (seja no sentido de uma construção teórica, enquanto representação “analítica” do espaço, seja de uma construção identitária a partir do espaço vivido) e material-funcional (nas práticas econômico-políticas com que os grupos ou classes sociais constroem seu espaço de forma desigual/diferenciada). “Arte-fato” também permite indicar que o regional é abordado ao mesmo tempo como criação, auto-fazer-se (“arte”) e como construção já produzida e articulada (“fato”).

Vislumbramos à compreensão dos elementos que caracterizam a base socioeconômica da região sertaneja, nos termos de suas diferenças ou de uma região como

“fato”, seus recortes e suas desigualdades e, também, reflexões em termos de suas perspectivas de futuro, a região com “artifício”, apontando elementos para discussão em termos de política de ação e de intervenção. Essa abordagem nos ajudou a compreender melhor em termos econômicos, sociais, culturais e ambientais a própria região que desenvolvemos nossa pesquisa, ainda carente de estudos.

Em outro plano emergiu também reflexões sobre as categorias de sujeitos que habitam e vivem na região do alto sertão alagoano, compondo uma faixa de estudos sobre as múltiplas faces das identidades regionais presentes nessa região-Sertão, neste caso, o próprio Sertão tomado como o referente espacial no qual se constroem representações, discursos e práticas identitárias (como as próprias manifestações culturais típicas do lugar) que conformam os sujeitos na medida em que estes se “geografizam” em uma região que é ao nosso ver “arte-fato”, identidade e diferenças.

No cenário da pesquisa identificamos paisagens naturais e culturais das comunidades tradicionais do alto sertão alagoano. Encontramos sujeitos que vivem suas vidas junto à família nuclear, parentes e amigos. São relações projetadas no vivido, no percebido e no imaginado que ajudam a construir os ciclos sociais que demarcam e delimitam espaços, lugares de vida e lugares de trabalho. Territorialidades que provocam vínculos, mas que suscitam afetividades entre o Sertão como espaço e os habitantes como sujeitos culturais deste cenário.

Quando mencionamos o termo comunidade tradicional, consideramo-lo com base no que Brandão (2012, p. 372) aponta como sendo “(...) a paráfrase do lugar-humano. É aquilo que se cria em um espaço-de-vida quando ali vive, quando ali se chega ou quando para ali se vai de maneira imposta e arbitrária.”.

Assim, a comunidade tradicional é marcada pela:

(...) cultura, seu modo de vida, suas pessoas, foram e seguem sendo o que a cada momento da história se enuncia a seu respeito. Resquícios do passado “de nossas culturas mais autênticas” a ser “preservado”; produtora da maior parte dos bens-de-mesa de nossas refeições diárias; “lugar do atraso e entrave ao progresso” e, mais recentemente, exemplo de harmonia com a natureza e de desenvolvimento sustentável. (BRANDÃO, 2012, p. 372. Grifos do autor).

Resquícios do passado, lugar de atraso e modelo de desenvolvimento sustentável são os qualificadores que ainda hoje permeiam nosso imaginário sobre o “modelo” de comunidade tradicional. Na maioria das vezes pensamos em sociedades arcaicas, primitivas, subalternas e isoladas no tempo/espaço. Porém, estas características não são, por definição, o que identifica o sistema de valores de uma comunidade. Segundo Brandão (2012) as comunidades tradicionais são, ou deveriam ser, definidas de acordo com os seguintes traços: a *transformação da natureza*; a *autonomia*; a memória de lutas passadas de resistência; a história de lutas e resistências atuais; a experiência da vida em territórios cercados e ameaçados.

A transformação da natureza permeia a legitimidade do trabalho coletivo em prol da socialização da natureza. A autonomia diz respeito a forma autônoma como o trabalho é desenvolvido, diferentemente das normas e códigos dos trabalhadores assalariados. As lutas, resistências e expropriações perpassam tanto as lembranças e memórias do passado quanto as situações de enfrentamento, ameaças e r-existência do presente. Estes manifestos têm sido, na atualidade, uma estratégia de visibilidade e de afirmação positiva de diferenças culturais, mas também uma ferramenta política, de muitas comunidades tradicionais que lutam pela sua afirmação identitária.

Brandão (2012) afirma ainda que estes traços que definem um sentido e um conteúdo para tradicionalidade são utilizados, em grande medida, como uma estratégia de defesa, uma forma de se tornar visível e, portanto, sujeitos culturais de uma história situada em outros tempos e em outras éticas.

(...) a comunidade não se faz “tradicional” por meio de alguns traços folclorizáveis de sua cultura. Elas se tradicionalizam como uma estratégia de defesa. Como um modo de existir dividido entre a relação dependente com o “mundo de fora” e uma pretendida quase-invisibilidade. Quase invisíveis, mas presentes. (BRANDÃO, 2012, p. 379).

Na mesma linha de pensamento, mas com alguns ponderações, Diegues (2008) pontua algumas características essenciais a serem consideradas sobre as culturas tradicionais a saber:

- a) a dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir dos quais se constrói um modo de vida;
- b) conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transmitido de geração em geração pela oralidade;
- c) noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;
- d) moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter-se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;
- e) importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado;
- f) reduzida acumulação de capital;
- g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;
- h) importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e a atividade extrativistas;
- i) a tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre meio ambiente. Há reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final;
- j) fraco poder político, que, em geral, reside com os grupos de poder dos centros urbanos;
- k) auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras. (DIEGUES, 2008, p. 89-90)

Todos essas qualidades tradicionais podem ser observadas, em conjunto ou separadamente, nas comunidades do Alto Sertão Alagoano. São populações que lutam pela manutenção de sua cultura, suas tradições indígenas, quilombolas e/ou sertaneja, seus saberes, suas manifestações. Observamos uma dependência e um respeito profundo à natureza, a luta pela permanência em seus territórios herdados, a crença nos mitos e ritos, a solidariedade e sociabilidade no trabalho e ainda, as “novas” formas de reprodução da vida envolvendo novos hábitos, novas moradias e novos trabalhos. Esta leitura pode ser entendida conforme afirma Brandão (2013),

Ao invés de descrevermos com ênfase as estruturas sociais e alguns padrões internos de culturas das comunidades tradicionais, e as suas relações de sujeição diante de poderes externos ou, simplesmente, “da cidade”, porque não ouvimos o que dizem os seus sujeitos, suas mulheres e seus homens, seus saberes sobre si mesmos, seus imaginários e as suas memórias? Porque não deixamos também a eles o trabalho de traduzirem para eles e para nós aquilo que acreditam ser o lugar onde vivem, o território que habitam, o modo de vida que constituem, a experiência de cultura que criam e em que se enredem, com variados graus de autonomia? (BRANDÃO, 2012, p. 371. Grifos do autor).

Assim, identificamos em nossas pesquisas comunidades tradicionais que convivem em seu dia a dia com os hábitos do Sertão alagoano e criam estratégias de permanência em seus territórios a fim de manter os vínculos de enraizamento e pertencimento. Ouvimos os moradores do lugar, percorremos ruas, estradas e caminhos a fim de presenciar cenas que marcam a rotina diária dos sujeitos pesquisados. Buscamos informações sobre a história de cada comunidade, as estratégias de enraizamento, as tradições que ainda persistem, as celebrações que marcam os dias de festa, as formas de sobrevivência, as principais dificuldades e, o sentimento de pertencimento e apego ao lugar de morada. Analisamos, portanto, as identidades dos sujeitos do sertão na sua diversidade cultural e espacial. Identidade que pode ser entendida em uma perspectiva múltipla que envolve, segundo Hall (2011, p. 87-88) alguns elementos essenciais:

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robin (seguindo Homi Bhabha) chama de “Tradução”. (HALL, 2011, p. 87-88)

Ouvimos muitas expressões que manifestação um sentimento de alegria por habitar o árido Sertão. Muitos relatam o tempo difícil de antigamente e também lamentam pela ausência de chuva atualmente. São os laços do passado e as vivências do presente que oscilam entre a tradição e a tradução, entre o que é e o vir a ser. Essas relações exprimem o movimento da vida cotidiana que atualiza o sentido tradicional entre elementos que se enraíza no lugar e o que se projeta para o mundo.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a cabar num lugar ou noutro: ou retornando suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização. (Hall, 2011, p. 88).

É neste híbrido envolto pelos vínculos do passado, as situações do presente e as projeções do futuro que permeiam a vida dos sujeitos do sertão alagoano. Uma mescla daquilo que é a raiz, a herança, a memória e a tradição e aquilo que *traduz* o que há de novo, diferente e moderno.

Para Diegues (2008, p. 90) a identidade é um dos critérios fundamentais para a definição de culturas e populações tradicionais, uma vez que ela remete ao auto-reconhecimento e o reconhecimento na relação com o *Outro*. Neste sentido, enfocamos que as comunidades tradicionais do Alto Sertão Alagoano são portadoras de identidades, que nos faz entender como os sujeitos ao expressarem os seus sentimentos, saberes e fazeres traduz entre outras coisas a própria essência do seu viver no Sertão.

Autores como Gimenez (1999); Haesbaert (2004); Saquet (2009) afirmam que a identidade é um instrumento fundamental para o fortalecimento e a reafirmação de um dado território. É através do território que os seus sujeitos estabelecem vínculos e tornam-se sujeitos de sua própria história.

CONSIDERAÇÕES

Nas comunidades tradicionais presentes no Sertão de Alagoas é possível encontrar características culturais, modos de vida e saberes populares que configuram uma identidade cultural rica e diversificada, construída pelos modos de vida tradicionalmente estabelecidos pela adaptação à natureza, às condições sociais e à própria estrutura social.

Um desenvolvimento social e econômico, associado à valorização dos modos de vida tradicionais dessas comunidades tem sido uma das demandas apresentadas com muita força por trabalhadores rurais, lavradores, camponeses, indígenas, quilombolas enfim, as diferentes categorias sociais e culturais dos habitantes do Sertão alagoano.

No atual contexto vivido pelas populações tradicionais, parece-nos urgente uma ação social destinada a fortalecer iniciativas locais que evidenciem o saber popular, a cultura e o modo de vida tradicional dessas comunidades. Ações estas que devem buscar a valorização do pertencimento e da apropriação dos territórios, no respeito às tradições, aos costumes, aos credos, as partilhas e as expressões simbólicas.

Estudos sobre o saber popular, o modo de vida, a cultura e suas formas de permanência na região do Alto Sertão alagoano além de possibilitar a identificação e localização das comunidades tradicionais ali existentes, contribuem para o entendimento do Sertão enquanto região cultural. Cenário este de intensa e polêmica transformação, onde as populações tradicionais entrelaçam e entremeiam culturas, surgindo novos saberes e formas de interagir e viver **do/no** e com o meio ambiente.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiás V. 10, N. 1, Jan/Jun. 2007, p. 11-27.
- _____. A comunidade tradicional. In: COSTA, João B de Almeida; OLIVEIRA, Cláudia L. de (Org.). **Cerrado, Gerais, Sertão** - comunidades tradicionais nos sertões roseanos. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 367-380.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 6 ed. Ampliada. São Paulo: Hucitec, Nupaub-USP/CEC, 2008.
- GIMENEZ, Gilberto. Território, cultura e identidades: la region sócio-cultural. In: **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, época II. Vol. V, Nº 9, Colima, 1999, p. 25-57
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. **Regional-Global**: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/english/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf. Acesso em mar. 2015.

SAQUET, Marcos Aurélio. BRISKIEVICZ, Michele. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. In: **Caderno Prudentino de Geografia**, nº 31, vol 1, 2009, p 3-16.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser e viver enquanto comunidades tradicionais. **Mercator** (Fortaleza. Online), v. 11, p. 109-120, 2012.

_____. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAGON, Glaucio José; et. al. **Pesquisa qualitativa em Geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 55-68.

VAZ, Domingos. O urbano e o território: notas sobre algumas questões emergentes. In: BALSÁ, Casimiro (org.). **Relações Sociais de Espaço - Homenagem a Jean Remy**. Lisboa: Edições Colibri/CEOS, 2006. p. 219-230.